

Morujão, Isabel, *Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVI-XVIII)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, 740 pp. (Manuais universitários) ISBN: 978-972-27-1950-6

DOI 10.5944/rei.vol.2.2014.12742

Recensão de ANA REIS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Oito anos volvidos desde a apresentação da tese de doutoramento que lhe deu origem, sai finalmente *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, da autoria de Isabel Morujão. Isabel Morujão tem sido uma estudiosa consistente da literatura de mulheres religiosas da Época Moderna em Portugal, com diversos artigos publicados sobre o tema.

Por Trás da Grade traz consigo uma análise exaustiva e condensada num volume precioso para quem se dedica à investigação neste âmbito da literatura. Se, por um lado, em Portugal, o estudo e publicação de textos sobre autoras religiosas tem sido muito parcelar, com intervalos maiores do que o que seria desejável, por outro, a história da literatura em Portugal tem “maioritariamente silenciado (...) a existência dos contributos da literatura feminina produzida nos conventos” (p. 26). Estes motivos, mais recentes, aliados a outros, mais antigos, que se prendem com o esquecimento no qual a literatura conventual tem vindo a cair desde 1834, com a ordem de extinção dos conventos (a qual levou ao abandono, à pobreza e, por vezes, à pilhagem de conventos, contribuindo assim para a perda de documentação importante para o estudo desta literatura), explicam por que é importante não parar este estudo. É fácil perder o fio condutor da história dos conventos de mulheres em Portugal, com a ausência ou perda de documentação relevante. E é surpreendente como esta literatura ainda é desconhecida para um público muito vasto. *Por Trás da Grade* é, assim, uma obra que facilmente ganhará lugar nas estantes de muitos investigadores da história das mulheres

da Idade Moderna, da história da literatura feminina e da história da literatura religiosa.

Este trabalho reúne uma análise exaustiva da literatura conventual feminina, dedicando-se primeiramente a uma apresentação geral do percurso destas obras e da sua receção. Neste primeiro capítulo de *Por Trás da Grade* analisa-se a leitura e a escrita dentro do convento, começando pela formação da mulher ainda no núcleo familiar, na casa. De facto, muitas mulheres seiscentistas e setecentistas beneficiavam de instrução, enquanto outras eram permeáveis ao ambiente que as rodeava, “captando os ensinamentos que eram ministrados aos irmãos pelos preceptores, absorvendo o clima literário da vida de corte, assistindo a certames, etc” (p. 70). Esta educação dificilmente cessava de dar frutos quando estas mulheres integravam a vida do mosteiro, sobretudo nos casos em que nele entravam aos dezassete ou dezoito anos. Os hábitos de leitura “extra-conventuais”, se os havia, “mesmo após a quebra dos laços com o mundo, perduravam nas religiosas mais eruditas” (p. 82), quer através das bibliotecas dos conventos, quer através da oralidade “das leituras em voz alta, partilhadas por um círculo de ouvintes” (p. 81).

Qualquer trabalho nesta área não deverá nunca esquecer a comunicação entre o espaço do convento e o espaço da corte, e *Por Trás da Grade* não é exceção, dedicando a este tema o Capítulo III. Em primeiro lugar, Isabel Morujão lembra-nos que uma grande parte das religiosas que publicaram e que tiveram sucesso tinham origem de corte. Por outro lado, também os conventos tinham a sua influência, uma vez que muitos estavam “vinculados à corte e ao patrocínio das fundações régias” (p. 98). Tal ligação determina “uma ampla interação entre a sociedade e a vida claustral” (p. 98), bem como a influência social de algumas religiosas, que poderia dever-se a factores como “a origem social, os amigos, os parentes, os laços familiares com religiosos afamados e respeitados, etc.” (p. 99). Por outro lado, a existência destas ligações cria “uma produtora de textos cada vez mais assídua e consciente da sua função social”, que constrói uma rede de leitores que “insiste na continuidade da produção” (p. 132).

Na Parte II e na Parte de III de *Por Trás da Grade*, Isabel Morujão faz uma análise pormenorizada das diferentes formas adotadas pela literatura conventual feminina, e depois dos tempos e ritmos. Nas formas, interessa sobretudo verificar a variedade de estilos usados por estas autoras, pois quase todos tiveram “expressão nesse universo monástico”, independentemente da popularidade de umas ou outras, “seja pela recorrência e pela mancha que ocupam nesta mancha literária, seja pela sua raridade no contexto da literatura nacional, seja ainda pela renovação que traziam consigo, ao serem transportadas para novos contextos e molde para novas temáticas” (p. 139). Nesta parte encontram-se então formas tão comuns como o soneto, a canção, a décima ou a oitava, bem como outras mais surpreendentes, como o poema épico, com uma utilização bastante representativa. O Capítulo I da Parte III aborda com detalhe os temas religiosos, iniciando-se com os textos litúrgicos. As vidas de santos e os seus exemplos de fé também encontravam uma grande presença na literatura conventual feminina, bem como a vida de Cristo.

A literatura conventual feminina constitui, também, uma janela para o interior do convento. Assim, no Capítulo II da Parte III surgem outros temas abordados pelas religiosas, que incluíam “estímulos quotidianos”, como “a festa do santo patrono, a eleição de uma abadessa, a entrada de uma noviça, a eleição de Mestra de Noviças, a tomada de hábito de uma religiosa [...] que despertavam o fazer poético” (pp. 597-98). Estas descrições do dia a dia dentro do convento são uma contribuição de relevo para o conhecimento dos hábitos dentro do convento e para percebermos como funcionava a convivência entre as religiosas. Em segundo lugar neste passo, Isabel Morujão retoma o tema das ligações entre o convento e a corte, examinando diversas correspondências entre religiosas e o mundo exterior. A título de exemplo, veja-se o caso de Soror Maria do Céu, que manteve uma longa e duradoura correspondência manuscrita com a Duquesa de Medinaceli, ou de Soror Violante do Céu, que e dedicava, com alguma frequência, composições a elementos da corte e da família real. Estas correspondências determinam uma rede curiosa de socializações, mais ou menos, íntimas, entre o interior

do convento e o seu exterior. Curiosos são também os textos analisados em “Intercâmbios poéticos”, ou resenhas poéticas de obras. Soror Violante do Céu, novamente, foi decerto uma leitora bastante crítica, com várias composições enquadradas neste âmbito literário-social. Estas composições de louvor integram os preliminares das obras impressas, constituindo uma espécie de consentimento social do trabalho do autor. Por esse motivo, a presença de escritoras religiosas nestes preliminares determina-lhes um valor de relevo no panorama cultural e literário da época. Isabel Morujão dedica ainda algumas páginas deste estudo à existência de alguma literatura erótica e maliciosa com possível origem nos conventos. No meio da santidade do espaço conventual, surgiram “indícios da existência de uma produção literária conventual feminina de natureza erótica e provocatória” (p. 656), aos quais Isabel Morujão não dá, contudo, valor real. Tal literatura, por vezes quase pornográfica, poderá ter germinado de “uma fantasia erótica masculina, justificada pelo inacessível que envolve a figura da religiosa” (p. 656). Tal não significa que por vezes não tenha havido a violação dos votos da clausura e da castidade, mas tal terá sido aproveitado por muitos autores, assinando como religiosas (pois é comum não surgir na composição o nome da religiosa em questão), como uma transgressão jocosa da moralidade da época.

Em jeito de conclusão deste estudo, Isabel Morujão relembra a importância da dicotomia convento/corte, tendo sido da corte que as escritoras tinham colhido o conhecimento da escrita, mas sendo também este depois um dos maiores receptores das suas obras. Esta interação tem de estar sempre presente nesta literatura. Finalmente, estas obras revelam-nos mais sobre aquilo que as religiosas sentiram do que sobre aquilo que fizeram. E é esse patamar do ser e do sentir que interessará sobretudo para história da mulher. Voltando a insistir aqui na importância de manter acordada a memória desta literatura, é necessário continuar a investigar e publicar sobre esta área ainda tão desconhecida da literatura ibérica. Mais do que estabelecer um final de um estudo e uma análise fechada da literatura conventual feminina, *Por Trás da Grade* levanta questões e sugere caminhos de

investigação e publicação que não se devem perder. Nas palavras de Isabel Morujão, urge não perder de vista “as pontas para desenrolarmos tão denso novelo”.

Horta, Maria Teresa, *Poemas para Leonor*, prefácios de Vanda Anastácio e Helena Vasconcelos, Alfragide: Dom Quixote, 2012, 146 pp. ISBN 978-972-20-5135-4.

DOI 10.5944/rei.vol.2.2014.10803

Recensão de FABIO MARIO DA SILVA
Universidade de São Paulo/FAPESP

Existem, na literatura portuguesa, casos flagrantes de obras que favoreceram a inspiração ou motivação para outras, escritas posteriormente, pelo mesmo autor. Refira-se, como exemplo, o conto “Civilização”, de Eça de Queirós, embrião óbvio do romance *A Cidade e as Serras*, ou as novelas, de Camilo Castelo Branco, *A Filha do Arcebispo* e *A Neta do Arcebispo*, ou ainda *Eusébio Macário* e *A Corja*, sendo que as segundas desenvolvem os enredos das primeiras. *Poemas para Leonor* nasce de um processo similar já que foi uma obra poética escrita durante doze anos, praticamente em simultâneo com o romance *As Luzes de Leonor*. E em parelha, estas obras deflagram duas faces distintas da produção literária de uma mesma autora: a que todos conhecemos, da Maria Teresa poetisa; outra, praticamente desconhecida, a da Maria Teresa investigadora.

Um elo de ligação importante entre estas obras de Maria Teresa Horta, para além da figura central, D. Leonor de Almeida Portugal (1750-1839), 4.^a Marquesa de Alorna, é o conjunto de referências, em verso, que se reportam a personagens (históricas e ficcionais) de *As Luzes de Leonor*, como, por exemplo, Leonor de Távora, Filinto Elísio, Gonçala, Philippe Tournier, Théroigne de Méricourt, Henri Forestier, figuras essas muitas vezes evocadas,